

Candidatos são todos iguais perante Collor



O senador Marco Maciel visita hoje Aureliano Chaves, com quem se mediu nas prévias do PFL na disputa pela condição de candidato do partido a presidente da República. Ele vai declarar-se solidário com o vencedor, por entender que, a partir do momento em que se inscreveu na disputa, estava moral e partidariamente obrigado a respeitar a manifestação de preferência das bases. Desde que voltou da Europa, há uma semana, o senador manteve encontros com numerosos dos que o acompanharam no grupo dos *modernos* do PFL. Há resistência da parte de diversos deles de se alistarem entre os correligionários da candidatura de Aureliano, por considerá-la inviável eleitoralmente e inconveniente politicamente por ter o ex-ministro das Minas e Energia se demorado a sair do governo. Maciel tenta contudo reduzir essa resistência achando que o destino do seu partido está pendente da aceitação do processo eleitoral interno, uma experiência inicial que a seu ver deverá prosperar.

Quanto à consolidação da candidatura de Aureliano Chaves esse é um problema sobre cuja avaliação se absterá o senador de Pernambuco. Somente o próprio candidato, depois de respaldado pelo voto partidário, poderá verificar a viabilidade da proposta e de sua inserção válida no quadro político nacional. Dele, Maciel, não partirá qualquer contestação, sequer qualquer insinuação pois entende que preservar o partido é o dever de quantos se envolveram na luta sucessória interna. Esse dever ele pretende cumpri-lo à risca e esforçar-se para que seus companheiros também o cumpram. Por isso mesmo ele tem se limitado a ouvir ponderações sem estimulá-las. Seu encontro de hoje com Aureliano deverá ser, segundo acredita, um marco na afirmação do PFL e da sua unidade.

Não se sabe como o ex-vice-presidente da República está acompanhando o panorama eleitoral na base dos índices registrados pelos institutos de pesquisa de opinião. Na realidade o favoritismo de Collor dá-se em tal extensão que não afeta particularmente a um só, mas a todos os candidatos, em seu conjunto, e a cada um, na sua proposta. No fundo tanto faz ter 30% a menos ou 40% a menos. Ulysses, com seus 5%, considera-se tecnicamente empatado com Lula, de 8%. Lula considerará o mesmo na sua relação eleitoral com Brizola, de 11%. E o próprio Aureliano com seus 3% estaria tecnicamente empatado com Ulysses. Até Afif poderá pensar o mesmo sobre o 1% confrontado aos 3%. O vendaval nivelou todos os candidatos na sua desgraça eleitoral. Não será, portanto, por isso que Aureliano se sentiria particularmente desestimulado. Todos o estão na mesma escala e o fenômeno, sendo de ordem geral, haverá de ter remédio que preserve a comunidade político-partidária. Ou simplesmente não terá remédio.

Como se sabe, os demais candidatos estão se articulando para dar combate a Fernando Collor de Mello. O PDT, pelo levantamento de informações que possam afetar o prestígio moral do candidato do PRN; o PT pela denúncia dos seus supostos envolvimentos políticos; e o PMDB pela busca de alianças junto ao PTB e ao PSDB e já agora também, segundo se anuncia, pela tentativa de reduzir a área de discórdia dentro do PMDB, buscando entendimentos com os *moderados*. Tal tarefa estaria sendo conduzida pelo presidente em exercício, Jarbas Vasconcelos, que estaria convencido de já ter chegado a hora de suprimir o radicalismo decorrente das tomadas de posição nas duas últimas convenções partidárias.

Os governadores e a sucessão

Os governadores do PMDB, como se sabe, advertiram o partido e seu candidato de que não viam possibilidades de levar eleitoralmente com êxito o nome de Ulysses Guimarães. A resistência foi vencida; a compatibilização se fez e um deles saiu candidato a vice-presidente.

Hoje o quadro de governadores no Norte e Nordeste é o seguinte: deixaram o PMDB os governadores do Amazonas, Maranhão, Paraíba e Alagoas; não apoiam Ulysses os governadores do Piauí e Ceará; dão-lhe apoio crítico (isto é, apoiam mas não acreditam) os governadores do Rio Grande do Norte e de Pernambuco; o do Pará apoia mas ainda não tem o respaldo do ministro Jader Barbalho, principal liderança do estado. O de Sergipe não é do PMDB. O da Bahia apoia sem restrições, mas não leva o prefeito de Salvador.

No resto do país, há apoios restritivos no Paraná e no Rio Grande do Sul. Em Goiás, o governador apoia mas não o ministro Íris Resende, que se abstém pelo menos por enquanto.

Ulysses está contando com os governadores de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Acre. E espera ainda motivar os céticos.

Carlos Castello Branco